

TRANSMASCULINIDADE E OS DESAFIOS COTIDIANOS TRANSMASCULINITY AND DAILY CHALLENGES

Luiz Frenando Prado Uchôa¹

RESUMO

Este trabalho que tem como objetivo discutir aspectos relacionados aos homens trans de diferentes faixas etárias, segmentos profissionais, estágios no processo transexualizador e orientações sexuais promovendo questionamentos do binário de gênero existente socialmente. O artigo é fruto de reflexão a partir de personagens de livros e filmes cujo cenário e contexto auxiliam na compreensão de conceitos. Também destaca-se como estes sujeitos buscam superar as adversidades impostas em virtude de sua identidade de gênero nos mais diferentes espaços e convívios sociais, tais como ilustrar os conceitos de autoidentificação e de desejo sexual. Ressalta-se como o meio social suprime o sujeito de sua expressão e, na maioria das vezes isso prejudica a psique levando a sérias patologias ou até suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Transmasculinidade. Transexualidade. Processo transexualizador. Orientação sexual; Identidade de gênero. Espaços Sociais.

ABSTRACT

This project intends discussing aspects related to transmen of different age groups, professional segments, stages in the transexualization process and sexual orientations promoting questions of the binarism gender into society. The article is result of a process of reflection stem from characters of books and movies, which background and bearing help in the comprehension of the concepts. Also is important how these individuals find overcoming the adversities caused by virtue of them gender identity in the many different spaces and social coexistences, such as illustrating the concepts of self-identification and sexual desire. To underscore how the social environment suppress the individual of your expression and most of the time the psyche is damaged take into many pathologies or even suicide.

KEYWORDS: Transmasculinity. Transsexuality. Transexualizer process. Sexual orientation. Gender identity and Social areas.

¹ Graduando em jornalismo; militante LGBT



INTRODUÇÃO

Ter uma “identidade” que lhe foi designada em conformidade a cromossomos e a características corpóreas e, com isso, um nome, vestimentas, comportamentos, desejos sexuais são atribuídos quase automaticamente. Quando uma pessoa rompe com toda essa estrutura social organizada, as oportunidades de emprego, estudo e afeto são negadas e a sensação é similar à vivida por Gregor em *A Metamorfose* de Franz Kafka.

Kafka (1997) mostra três períodos da relação da família perante Gregor. No primeiro, ela sente medo, num segundo, o aceita, mas o esconde do mundo, já no terceiro, odeia-o e o vê como um peso que deve desaparecer.

Esses ciclos vividos pela personagem em *A Metamorfose* são iguais àqueles vividos por homens trans em que a família sente um estranhamento inicial, e posteriormente, uma pseudoaceitação por aceitá-lo isolando-o e não mais convivendo com eles e, a fase final em que todos o percebem com um fardo e desejavam intimamente a sua não existência naquele seio familiar.

Ailton Santos⁹, professor e pesquisador da Universidade de São Paulo refuta a ideia de migração de gênero, pois parece indicar que o sujeito nasceu em um gênero específico por conta de anatomia e genitália e decidiu ir para outro gênero. As pessoas transexuais com as quais conviveu e outras que são descritas por outros

pesquisadores reiteram em seus relatos, entre tantas diferenças, que sempre tiveram a sensação de estar no “corpo errado”. Neste caso, as modificações corporais são realizadas com o objetivo de tornar o gênero vivido inteligível.

Pode-se perceber que a transmasculinidade apesar de não ser tão conhecida socialmente é possível visualizá-la em muitos produtos audiovisuais como o filme *Tomboy* (2011) dirigido pela cineasta francesa, Céline Sciamma, que relata a história de Laure interpretada por Zoé Héran. Ela vive com os pais e a irmã caçula, Jeanne. A família tinha se mudado há pouco, e, com isso, não conheciam os vizinhos. Um dia, Laure resolve ir à rua e conhece Lisa que a confunde com um menino. Laure, que usa cabelo curto e gosta de vestir roupas masculinas, aceita a confusão e diz chamar Michaël. A partir de então, ela vive uma vida dupla, já que seus pais não imaginam que se apresenta como menino perante a vizinhança e de sua nova amiga.

Durante a vivência social com os outros meninos, Laurie passa a sentir cada vez mais com menino. Uma cena que ilustra isso é quando ela está vestindo uma sunga para tomar banho em um rio com seus novos amigos e coloca um pano em um formato peniano para se sentir melhor e também ninguém perceber que, na realidade, ela era uma garota. No desenrolar do filme, a mãe questiona Laurie sobre os modos de vestir e de se comportar da garota, como por exemplo, não usando roupas femininas e mantendo o cabelo curto. A mãe a interroga sobre o porquê não deixa o cabelo crescer e se veste

⁹ Professor, militante e pesquisador da violência e vulnerabilidade na periferia e doutor em letras pela Universidade de São Paulo.



de modo mais feminino. O pai logo interrompe dizendo que Laurie é apenas uma criança e tem de se vestir como se sentir melhor.

Um dia, Lisa resolve ir até a casa de Michaël/Laure chamá-lo para brincar e sua mãe atende a porta dizendo que não tinha ninguém com esse nome morando na casa. Ela permanece escondida por um tempo até que a menina a vê e a sua mãe revela a Lisa o seu verdadeiro nome. Ela fica em estado de choque vendo que perderá a sua vivência social como menino, e ainda, não terá mais chances de ter algo romântico com Lisa, já que tiveram um primeiro contato romântico por intermédio de um beijo.

A mãe desesperada e inconformada pela mentira decide revelar para todos da vizinhança a verdadeira identidade da filha obrigando-a usar vestidos e andar dessa forma para que todos possam vê-la e entender o que ela é na verdade.

Em *Boys don't cry* – Garotos não choram – (1999) baseado na história real de Teena Brandon, relata a vida de um jovem garoto que nasce com um corpo biologicamente feminino, mas identifica-se com o gênero masculino. O filme retrata sua trajetória enquanto homem trans e os embates que vive diante da sociedade.

Na cidade de Falls City, no estado de Nebraska. As mulheres o adoravam e quase todos que conheciam esse recém-chegado carismático eram atraídos por sua inocência encantadora. Porém, a personagem mais famosa e amiga fiel da cidade tinha um segredo: ele não era quem as pessoas pensavam. Em Lincoln, sua terra natal, a apenas 120 quilômetros dali. Brandon Teena era uma pessoa diferente, envolvida numa

crise pessoal que a assombrou durante toda sua vida.

Cenas que são bem impactantes nessa película ocorrem quando Candace por estar apaixonada por Brandon por vê-lo como figura paterna para sua filha e também um companheiro sensível lhe empresta um cheque e, ao ir à loja, questiona a razão dele ter sido devolvido. A vendedora lhe diz é do rapaz que está em sua casa. Sem entender nada, Candace mexe nas coisas de Brandon e vê absorventes, cintas compressoras e a intimação por multa de trânsito com o seu verdadeiro nome.

Dirigindo-se ao tribunal do município de Hunt, a atendente consulta o número do RG contido na multa de trânsito e lá consta o número de RG de Charles Brayman, amigo de Brandon/Teena levando um policial a intimá-lo e a prendê-lo por não ter comparecido a uma audiência em Lincoln.

Em seguida, encontra Lana brincando com sua irmã e lhe conta sobre a prisão de Brandon e chegando na prisão ele revela à sua maneira a sua condição dizendo que é hermafrodita. Ela o aceita e logo o tira da prisão pagando multa e pedindo habeas corpus. Confusa e frustrada, Candace em uma conversa com John e Tom conta sobre a real condição de Brandon/Teena.

Algum tempo depois, eles mostram o jornal para a mãe de Lana sobre a prisão dele contendo o nome verdadeiro. Ela se mostra chocada e indignada com aquela informação. Minutos depois, Brandon/Teena entra na casa de Lana e é intimado diante da mãe e irmã de Lana e Candace a revelar tudo. Lana propõe a John que fique a sós com Brandon para dizer a todos se ele é ou não é homem. Tom John, e as demais pessoas não acreditam nela.



Por esta razão, Tom e John se trancam com ele no banheiro para verem com seus próprios olhos e como Lana está batendo na porta e eles a chamam para dizer olha como o seu namoradinho é de verdade.

Depois de um tempo, em que Brandon é exposto a um interrogatório vexatório devido ao ocorrido na casa de Lana. O policial fica lhe questionando o tempo todo, eles vendo que era é do sexo feminino, não lhe colocaram os dedinhos e não tentaram fazer nada.

Ele diante de tanto constrangimento afirma que nada fizeram. E é dispensado e na saída da sala de interrogatório. É abordado novamente por John e Tom que o levam para um lugar deserto e ao chegarem nesse local o violentam sexualmente.

Após esse incidente, ele procura Lana propondo fuga, para assim, serem felizes em outro local e ela aceita. Mas, de repente tudo, ela o atrai para uma armadilha em que Tom e John acabam matando-o.

Na descrição desses fatos, pode-se ver a confusão feita pelas pessoas em relação à identidade, expressão de gênero e orientação sexual. Pois, Tom e John ao ver o corpo de Brandon passam a vê-lo como mulher e rapidamente esquece-se de toda a camaradagem que existia entre eles por um corpo falar mais do que a afirmação de uma pessoa sobre o que ela seja. E a mãe de Lana que lhe tinha comprado um presente a ele, diante da verdade passa vê-lo como aberração e má influência para a sua filha, e a Candace por mais que tenha tido um sentimento por ele se vê enciumada e inconformada por ele não ser exatamente o que havia dito mesmo conhecendo o caráter violento de seus amigos lhes revela tudo sem pestanejar.

Em nenhum momento, Brandon foi respeitado em sua identidade de gênero quando as pessoas sabiam de toda a sua história. Por isso, teve de falsificar documentos e ter uma vida errante para poder minimamente ser como é sem ninguém o julgar.

A exploração das contradições da identidade e juventude norte-americana através da vida e da morte de Brandon Teena é mostrada em "Garotos não choram". Em uma narrativa cheia de caos e assassinato, surge a trajetória de um jovem à procura do amor, de si mesmo e de um lugar para chamar de lar.

A Metamorfose de Franz Kafka (1997) traz a seguinte narrativa: Gregor Samsa, um caixeiro viajante que abandona suas vontades e desejos para sustentar a família e pagar a dívida dos pais. E em certa manhã, Gregor acorda metamorfoseado em um inseto monstruoso. Kafka descreve este inseto como algo parecido com uma barata gigante. Nos primeiros momentos o livro descreve as dificuldades iniciais de Gregor em sua nova forma. Uma ironia presente neste trecho do livro é que Gregor não se preocupa com sua transformação, mas sim com o atraso para o trabalho.

No decorrer da história, Gregor antes visto como filho ideal e um bom empregado, passa a ser encarado com um intruso na própria casa, por seus pais, sua irmã, e pela empregada. Todos se sentem incomodados por sua nova forma e não sabem lidar com algo considerado asqueroso e fora dos padrões sociais.

"Ao despertar de um sonho inquieto, certa manhã, Gregor descobriu que se havia transformado num gigantesco inseto" (KAFKA,



1997, p.1). Esta frase ecoa e faz com que se entenda que a partir daquele momento toda a sua vida mudaria e os sentimentos das outras pessoas em relação a ele também seriam modificados.

Os estágios iniciais vividos pelo Gregor em *Metamorfose* são iguais àqueles vividos por lésbicas, gays, bissexuais, travestis, mulheres transexuais e homens trans em que a família sente um estranhamento inicial, e posteriormente, uma pseudoaceitação por aceitá-lo trancando-o em casa e não mais convivendo socialmente com eles e, a fase final em que todos o percebem com um fardo e desejavam intimamente a sua não existência naquele seio familiar.

O preço que muitos homens trans pagam por apresentarem uma masculinidade distinta a imposta pela heterocisnormatividade é a falta de oportunidades no mercado de trabalho, a não possibilidade de continuarem seus estudos, situações de violência, rompimento familiar, com amigos, impossibilidade de viver um amor e acesso à saúde.

O pesquisador carioca Guilherme Almeida (2012) diz que ao elaborar um conceito fechado, mesmo que apenas didático, sobre os sujeitos que nascem com genitália e corpo de mulher, mas vivem a sua existência social e de gênero no masculino ditados pelas normas da sociedade.

Segundo Almeida (2012), compilando as diferentes características dos grupos que ele analisou, pode-se montar apenas para efeito de ilustração, um conceito “fabricado”, como tantos outros, que definem homens trans como pessoas que nascem como genitália feminina, mas assumem uma identidade de gênero masculina, adotam

nomes masculinos e remodelam seu corpo para dar inteligibilidade ao gênero, apesar de existir alguns sujeitos que não fazem o caminho da remodelação corporal e se sentem homens do mesmo jeito.

Conforme a professora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro especialista na Teoria *Queer*, Eliane Borges Berutti (2002), a comunidade transgênera americana utiliza o termo *Female to Male* (FTM) para “designar os transexuais masculinos-mulheres biologicamente que optam por transformar seu corpo em masculino por meio de hormônios ou cirurgia”, diz a docente. A autora utiliza o termo “opção” para identidade de gênero transexual, propondo a reflexão a partir da ideia de que existem múltiplas identidades de gênero e sexuais, e que a opção por uma ou mais delas implica na assunção dos encargos sociais que todas elas trazem em seu bojo e no silenciamento de tantas outras identidades sociais que se pode assumir no cotidiano.

Por conta da sua forma de viver o gênero, que se contrapõe às imposições essencialistas sobre a relação sexo e gênero, os homens trans enfrentam, no cotidiano, situações de violência voltadas à identidade de gênero masculina. Uma dessas situações é o desrespeito ao nome social adotado e a possibilidade desses homens viverem a sua masculinidade para além dos marcadores falocêntricos, característicos do universo cismasculino.

Sobre esse processo, Almeida (2012) afirma que nas narrativas dos homens trans:

Há frequentes experiências de discriminação compostas de marcos, como a rejeição do lugar outorgado pelo binarismo de gênero,



baseado na leitura inicial de sua genitália, e por experiências sociais variadas de sexismo e transfobia em decorrência dessa rejeição, ainda na infância e prolongando-se na vida adulta. (ALMEIDA, 2012, p.517).

Almeida também comenta sobre a passibilidade poder favorecer uma vivência menos estressante da identidade masculina e, ao mesmo tempo, torná-los invisíveis, o que, em sua opinião, dificulta a produção de estudos sobre eles. Segundo o autor, uma das restrições em relação aos estudos transidentitários:

É a sua rápida capacidade de passing, estreitamente vinculada ao desconhecimento social da condição FTM, mas também relacionada à bem elaborada construção de 'corpos sociais masculinos', que se torna especialmente eficaz após a realização da mastectomia e do uso prolongado de testosterona. Em outras palavras, o uso da testosterona no caso dos homens trans, ao contrário do que ocorre com as mulheres transexuais, torna-os bastante próximos fisicamente às expectativas sociais de como deve parecer um homem, o que contribui para invisibilizá-los. Essa invisibilidade adquirida com frequência à duras penas significa para a maior parte um agradável momento de trégua na estressante e contínua batalha por respeito à identidade/expressão de gênero (ALMEIDA, 2012, p.519).

De acordo com Almeida (2012) a passabilidade é mais fácil para os homens trans do que as mulheres, ainda assim, existem tensões nessa passagem do universo feminino para o masculino. Essa tensão é registrada por Berutti (2002) ao relatar drama vivido pelos homens trans na transição entre a comunidade lésbica, em que são vistos como *butches* (mulheres masculinizadas) e a masculina. Conforme a pesquisadora, para muitos homens trans os problemas da inserção no mundo dos homens cisgêneros¹⁰ são bastante complexos.

Para se desmistificar que possuir afeto e/ou atração sexual pelo mesmo gênero não é algo atual, mas sim milenar e que esta condição não faz com que alguém se sinta incomodado em possuir um corpo feminino ou masculino a professora Claudia Bomfim, (2009) diz:

O conceito de gênero é o que determina aquilo que culturalmente seriam características do ser 'masculino' e do 'feminino': forma física, anatomia, maneira de se vestir, falar, gesticular, enfim as atitudes, comportamentos, valores e interesses de cada gênero (lembrando que essas características são designadas pela cultura, pela sociedade dominante). Essas diferenças são estabelecidas

¹⁰ Homens cisgênero ou cis - são pessoas do gênero masculino que possuem concordância com o gênero designado no seu nascimento. Isto é, configura uma concordância entre a identidade de gênero e o sexo biológico de um indivíduo e o seu comportamento ou papel considerado socialmente aceito para esse gênero. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cisgenero/>>, acesso em 26/05/2016.



historicamente, de acordo com a sociedade influenciados pela cultura (BOMFIM, 2009, s/p.).

Homem trans¹¹ é aquele que é homem. Porém nasce em num corpo feminino que proporciona uma série de desconfortos por não refletir a sua real identidade de gênero. E para amenizar o incômodo corpóreo muitos optam por hormonização, ou seja, aplicação de testosterona e até cirurgias como mamoplastia masculina (remoção das mamas e/ou reconstrução de um peitoral masculino), histerectomia (remoção dos órgãos internos femininos), metoidioplastia (às vezes, informalmente chamada de meto, é uma alternativa à faloplastia para homens trans. Com os efeitos do tratamento hormonal com testosterona, o clitóris cresce com o tempo até atingir um tamanho médio de 4-5 cm. Em um procedimento cirúrgico desses pelo fato do clitóris já ser grande é "solto" de sua posição original e movido à frente para uma posição que lembra mais a de um pênis) e a faloplastia (consiste na construção de um pênis de tamanho e aspecto "normal" igual/semelhante aos de homens cisgêneros). Cria um órgão sexual funcional masculino com o qual se pode urinar e ter relações sexuais com penetração.

Nem todos os homens trans realizam procedimentos de mudança corporal devido

¹¹ No primeiro encontro nacional de homens trans realizado na Universidade São Paulo, realizado em fevereiro de 2015, o movimento social organizado deste segmento expôs a sua identidade político social com a nomenclatura homens trans pelo fato da maioria se reconhecer socialmente na identidade masculina independente da sua transexualidade. Disponível em: <<http://encontronacionaldehomenstrans.blogspot.com.br/2014/12/o-ibrat-acredita-na-sua-forca.html>>, acesso em 26/05/2016.

aos problemas de saúde ou simplesmente por se sentirem homens sem necessitar de uma aparência tida como masculina aos olhos sociais. Pois masculinidade e feminilidade nunca serão definidas por vestimentas, comportamentos, orientação sexual ou papéis sexuais é algo que está mais relacionado à percepção que o indivíduo possui socialmente acerca de si mesmo.

A transmasculinidade é uma maneira distinta de se pensar masculinidade por existirem pessoas que nascidas em uma identidade de gênero oposta ao seu nascimento reivindicam um tipo de masculinidade distinta ao padrão heteronormativo cisgênero que atrela hombridade a genitálias e características corpóreas.

Ao longo da história há casos de personagens que vivenciaram o seu gênero de forma distinta ao modelo social vigente, como, por exemplo, Joana D. Arc, uma mulher que esteve à frente de batalhas na guerra dos cem anos na França. E, após a expulsão dos britânicos, os nobres franceses, representados pelo rei Carlos VII, temerosos de uma forte aliança popular entre Joana D'Arc e a população camponesa, e também por representar a possibilidade das mulheres liderarem exércitos saindo totalmente do papel social imposto a elas de serem donas de casa, artesãs, serviçais ou trabalhadoras do sexo a entregaram para os ingleses. Ela foi morta, queimada na fogueira, no ano de 1430, sob a acusação de bruxaria.

A transmasculinidade existe desde que o homem habita a face da terra pelo fato de masculinidade e feminilidade apesar de imposições sociais existentes não está relacionada com características corpóreas,



genitálias e, muito menos, a comportamentos e vestimentas. É algo que invoca o sentimento mais profundo de pertencimento ao um determinado gênero.

Isso é percebido na literatura através do personagem como Diadorim no livro Grande Sertão Veredas de Guimarães Rosa em que uma pessoa nascida no gênero feminino vivencia toda a sua vivencia toda a sua existência no gênero oposto por ansiar uma liberdade só proporcionada aos homens naquele contexto social e, também, possuir uma inquietação interna muito grande em relação ao não desejo de uma feminilidade em seu ser e, o mais curioso dessa história, ele mesmo possuindo um forte sentimento de masculinidade tem em seu ser aflorado um afeto por seu amigo Riobaldo e é correspondido. Mas, em um mundo de cangaceiros, a vivência desse amor se torna impossível e só no momento da morte a tal verdade é revelada, na verdade, era ela por todos pelo fato de naquela conjuntura avaliarem através da corporeidade o que seja feminino ou masculino.

Ao nascer uma criança, declara-se: “É uma menina!” ou “É um menino!”. Nesse momento, realizada uma espécie de “viagem”, ou melhor, é instalado um processo que, supostamente deve seguir um rumo ou direção. Segundo Louro (2004, p. 15), a afirmativa, mais do que uma descrição, pode ser compreendida como definição ou decisão sobre um corpo. “E esse processo totalmente baseado em características físicas que são vistas como diferenças, às quais se atribui significados culturais. Afirma-se e reitera-se uma sequência de muitos modos já consagrada, a sequência sexo-gênero-sexualidade”.

É importante divulgar relatos de homens trans que sofrem o preconceito social conhecido como transfobia, e como o pensamento doutrinal das igrejas e grupos sociais, da sociedade como um todo, a hipocrisia existente provoca um sofrimento grande nesse segmento da mesma forma que conhecer dados sobre o processo histórico da construção do conceito de transmasculinidade e também as mudanças conceituais sofridas ao longo dos anos.

Informar que a transmasculinidade é vista em muitas correntes do feminismo como uma tentativa de escape do machismo e da misoginia sofridas por mulheres heterossexuais, bissexuais e lésbicas na sociedade e com isso, há uma isolamento social dos homens trans em relação a amizades e até relacionamentos tidas anteriormente a sua transição assim como noticiar os diferentes níveis de recepção em relação à transmasculinidade nos setores religiosos existentes em nosso país para com isso trazer a tona como a religião encara as questões de gênero e sexualidade.

O homem trans existe desde primórdios como descreveu o rei Hamurabi, aproximadamente em 1772 a.C. No código de leis elaborado por ele, há a descrição de um ser descrito como "Salzikrum", uma figura que se caracteriza como uma "mulher-homem" que poderia ter uma ou várias esposas e direitos exclusivos da hereditariedade.

Em vista disso, falar de transmasculinidade é essencial para que o leitor possa refletir e quebrar paradigmas acerca do conceito de masculinidade e também garantir a visibilidade do segmento de homens trans para se garantir a elaboração de políticas públicas nas áreas de saúde,



educação e de trabalho para uma parcela da população que é lida como lésbica masculinizada e, com isso, são desrespeitados desde não serem chamados por seu nome social a invisibilização de suas especificidades em um atendimento médico fazendo com que muitos desenvolvam doenças como câncer de mama ocasionado a uso contínuo de faixas compressoras (*binders*) para disfarçar as mamas e o uso prolongado de hormônios sem acompanhamento médico especializado.

Como a pauta transexualidade está em evidência na mídia, hoje, é necessário trazer reflexões que refutam e questionam que a ideia de ser homem ou mulher é apenas algo corporal, comportamental ou sexual. Também não há um tipo de transmasculinidade, pois mesmo que o homem trans não opte por todas as transformações corpóreas e sua passabilidade seja tida como questionável ele é homem a partir do momento que assim se identifique.

É importante destacar diferentes modelos de masculinidade e de feminilidade e com isso fazer com o mesmo repense seus conceitos acerca do padrão vigente de virilidade e dos papéis sociais impostos pelo binarismo de gênero imposto socialmente.

Na história da humanidade a única corporeidade válida é a cisgênera e qualquer outra forma nunca será considerada como válida e legítima. Um exemplo disso ocorre no filme “Tudo sobre minha mãe” do cineasta espanhol Pedro Almodóvar, que mostra à espera da transprodução prostética dos corpos: de um novo modem, de um marca-passos, de um transplante de medula, de novos coquetéis antivirais, de um êxtase melhor, de um hormônio que faça crescer o clitóris e não

o pelo, da pílula para homens, de um Viagra para donas de casa através da personagem Agrado, que é uma travesti pelo fato dela necessitar desenvolver uma feminilidade em um corpo masculino.

Ainda hoje, a transexualidade é apontada na Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas relacionados com a Saúde (CID), publicada na Organização Mundial de Saúde (OMS), como um transtorno mental.

Quando um homem trans assume a condição de transexual passa a transgredir todas as normas sociais vigentes ao reivindicar masculinidade em um corpo feminino. Nas sociedades, a socialização do sujeito está ligada totalmente à corporeidade e, romper com este ciclo heteronormativo cisgênero, é afirmar categoricamente que gênero é algo muito mais ligado aos padrões sociais do que necessariamente um item biológico.

Diante de todo o cenário transfóbico social é necessário explicar que a transexualidade não se trata de um fenômeno biológico objetivo, mas sim de um discurso cisheteronormativo existente pelo fato da sociedade criar e determinar padrões de comportamento a partir do dispositivo binário de gênero. Se estes valores forem modificados a transexualidade simplesmente deixará de ser uma condição transgressora, tornando-se perfeitamente integrada e harmonizada numa passagem social livre da “ditadura de gênero”.

Mesmo com uma suposta transgressão de gênero constata-se que muitos homens trans mesmo reafirmando a sua masculinidade cotidianamente se utilizam na maior parte do tempo de artifícios como



binders para esconderem seios ou usam calças largas para disfarçarem quadris ou se utilizarem géis para desenvolverem pelo no rosto para terem uma aparência mais masculinizada enquanto os hormônios não fazem esse efeito em seus corpos. Eles fazem por entenderem que para serem homens precisam de uma determinada aparência ou fazem para ser lidos socialmente como tais.

O sofrimento cotidiano dos homens trans quando tentam vivenciar relações amorosas e/ou sexuais por serem constantemente questionados sobre a sua identidade de gênero e, com isso, têm de explicar suas particularidades a pessoas que muitas vezes não irão entendê-los, o quanto são ignorados e rejeitados por amigos e conhecidos com quem tinham contato antes da transição, o permanente questionamento em relação a sua masculinidade, a incerteza de quanto são desejados por serem quem são ou somente vistos como aquele “amigo diferente”, lidarem com a rejeição social devido a sua transexualidade, ouvir diariamente comentários maldosos envolvendo a ausência do pênis e caracteres masculinos tidos como padrões, e, assim, se a orientação sexual for distinta da heterossexual automaticamente ter a sua identidade de gênero invalidada e o pior de tudo, quando afirmam que genitália não define gênero lidam com deboches em redes sociais e na vida cotidiana.

Homens trans até podem se utilizar de *pump* para ampliar o tamanho do clitóris para sentirem um micropênis mesmo sem cirurgia para se exercitarem a sua masculinidade em um corpo com caracteres femininos ou também, se utilizar de *packers* que são próteses fixas ou móveis podendo ser usadas

para se urinar em pé, ter relações sexuais e dar volume peniano em vestimentas. Mas, essa prótese não vem compensar fantasmagoricamente uma falta, não é alucinatória nem delirante. A metafísica da falta, que certas teologias e certas formas de psicanálise compartilham, gostaria de nos convencer de que falta alguma coisa a todos nós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O gênero é um conceito desenvolvido social e construído para atender os padrões aceitos em que é a mulher terá de sempre ser subjugada ao homem por não possuir um pênis e, dessa forma, ser impossibilitada de realizar a fecundação em outro ser e de ter uma força braçal capaz de realizar tarefas que exijam grande habilidade física. Imagine uma pessoa nascer em um corpo feminino e contrapor-se a essas expectativas desenvolvendo uma corporeidade social masculina como a utilização de medicações e acessórios estéticos transpondo as dicotomias metafísicas entre o corpo e a alma, a forma e a matéria. Diante dessa elasticidade que permeia o gênero pode-se dizer que ele pode parecer-se como o dildo. Ambos, afinal, vão além da imitação. Sua plasticidade carnal desestabiliza a distinção entre o imitado e o imitador, entre a verdade e a representação da verdade, entre a referência e o referente, entre a natureza e o artifício, entre os órgãos sexuais e as práticas do sexo. O gênero poderia ser resultante de uma tecnologia sofisticada que fabrica corpos sexuais.

No momento em que o gênero passa a transpor todas as questões físicas não se pode dizer que a masculinidade ou feminilidade esteja ligada a práticas sexuais,



vestimentas, genitálias, características corpóreas, seus comportamentos e até de sua vivência social é intrínseco a uma sensação de pertencimento. Pelo fato do ser humano ser comandado pelo seu pensamento independente de sua corporeidade. Consequentemente, se o cérebro de uma pessoa desde da infância lhe diz que é homem, independente do seu órgão genital, logo, é um homem, deseja ser vista e respeitada como um independentemente de detalhes corpóreos.

Em uma sociedade habituada em classificar o masculino e feminino usando determinadas físicas e biológicas pessoas que rompem com as fronteiras do que é determinado como masculino e feminino e se atrevem a reivindicar uma identidade de gênero oposta àquela informada pela genitália que se tem e quando o fazem, serão aprisionados pela normatização de gênero através de medicalização e patologização.

Conclui-se que a principal demanda da maioria dos homens trans é a hormonioterapia. Na fase pré-testosterona, existem relatos de ansiedade, depressões, síndrome do pânico, diagnósticos errados de transtorno afetivo bipolar, paralisias motoras, tentativas de suicídio, e outras afecções; quase todas como resultantes da transfobia e que cessam quando começam a transição. A hormonização tem demonstrado acalmar o segmento.

É considerada mais importante do que as cirurgias. O processo pode ser lento, com resultados diferentes de pessoa para pessoa. Muitos não o fazem por questões pessoais, seja por problemas de saúde, pelo receio de assumir a transformação perante a família, por conta do local de trabalho, por questões

políticas ou porque não o desejam. Existem várias formas diferentes de se usar testosterona, como: injeções, gel, pílulas, adesivos bucais, patch na pele, inalador de aerossol e implantes de microdifusão.

Um segmento social que sofre preconceitos por parte de familiares, amigos e também no meio LGBT, igualmente perseguido. Se é muito difícil pensar em uma visibilidade plena deste grupo quando nem um nome social é respeitado e, há uma inexistência de sua existência nas estatísticas oficiais governamentais como também as que são realizadas por organizações sociais.

A inexpressividade dos homens trans no movimento político-social é escassa pelo fato de muitos optarem por viverem a margem desse processo para não sofrerem represálias assim como, nem revelarem a sua transmasculinidade publicamente vivendo a suposta segurança da cisgeneridade. Porém, essa invisibilização faz com que esta parcela da população não tenha acesso à saúde e à educação pública devido a transfobia ocorrente nesses espaços sociais por inexistir políticas educacionais que vissem trazer esse tema à tona nos ambientes escolar-acadêmico sem nenhuma estereotipagem.

Uma forma ampla de se sanar essas problemáticas citadas seria a existência de uma lei nacional para a retificação do nome de registro civil e gênero na documentação de transexuais sem a burocratização jurídica atual. Um fato inegável é que o nome está ligado intrinsecamente à pessoa e, se os homens trans pudessem retificar seus nomes e gêneros nos documentos teriam mais oportunidades no mercado formal podendo assim viver dignamente não estando em uma vulnerabilidade financeira.



Para combater a invisibilidade do segmento transmasculino as vozes das personagens têm de ser ouvidas com o intuito de compreender as demandas e especificidades desses sujeitos assim rompendo a hostilidade enfrentada por estes dissidentes da norma vigente de masculinidade. Diante do desenvolvimento de Simplesmente homem identificou-se que se faz urgente propagar o tema em escolas, universidades, igrejas e na mídia para estes sujeitos exercerem livremente a sua transmasculinidade sem prejudicar o seu desenvolvimento psicológico.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Guilherme. **'Homens trans': Novos matizes na aquarela das masculinidades.** In: Estudos Feministas, Florianópolis, v.20, n.2, 2012.
- ATHAYDE, Amanda V. Luna de. **Transexualismo masculino.** In: Arquivo Brasileiro Endocrinol Metab. Vol 45, n. 4, p. 407-414. Agosto 2001.
- ÁVILA, Simone. **Transmasculinidades – A emergência de novas identidades políticas e sociais.** Rio de Janeiro: Multifoco, 2014.
- ÁVILA, Simone; GROSSI, Miriam Pillar. **O “Y” em questão: as transmasculinidades brasileiras.** In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2013.
- Transexualidade e movimento transgênero na perspectiva da diáspora Queer.** In: Congresso da Associação Brasileira de Estudos da Homocultura, Natal: ABEH, 2010.
- BEIRUTTI, Eliane. *Transgender: questionando os gêneros.* In: LYRA, Bernadette; GARCIA, Wilton (Orgs.). **Corpo e imagem.** Fortaleza: Editora Arte e Ciência, 2002.
- BRITZMAN, Deborah. **O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo.** In: Educação e Realidade: Porto Alegre, v. 21, n. , 1996.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra, quando a vida é passível de luto?.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- COELHO DANTAS ÀVILA, Maria Thereza e SAMPAIO PEDRAL LOPES Liliana – Organizadoras. **Transexualidades – Um olhar multidisciplinar.** Salvador: Edufba,2014.
- KAFKA, Franz. **A metamorfose.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero. Uma introdução aos estudos transgêneros.** Curitiba: Transgente, 2015.
- LESSA, Jordhan. **Eu trans: A alça da bolsa, Relatos de um Transexual:** Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade.** In: (org). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo Estranho – Ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- MOTA, Griggory Thomas. **Eu não tenho um pênis, mas sou homem!** In: Simpósio - Modos de visibilidade trans no “espaço biográfico”, Universidade Federal da Bahia, 4 a 7 de setembro de 2015.
- NERY, W. João. **Viagem Solitária.** Memórias de um Transexual 30 Anos Depois. São Paulo: Leya, 2011.
- NERY, João Walter; MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque. **Transhomens no ciberespaço: micropolíticas das resistências.** In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de Albuquerque (Org.). (In)Visibilidade Trans 2. História Agora, v.16, nº 2, p. 139-165, 2013.
- OYAMA, Thais. **A arte de entrevistar bem.** São Paulo: Contexto, 2008.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico – 21. ed. ver e ampl. –** São Paulo: Cortez, 2000.



Transexualidade e travestilidade na saúde -
Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão
Estratégica e Participativa, Departamento de
Apoio a Gestão Participativa – Brasília:
Ministério da Saúde, 2015.

VINCENT, Norah. **Feito homem.** São Paulo:
Planeta, 2006.

